

190

Somente agora os Apontamentos Sobre os Indígenas Selvagens do Rio Grande do Sul, do engenheiro-agrônomo Alphonse Mabilde, são resgatados do limbo onde permaneceram em letargia por mais de um século. Voltam à vida, em edição conjunta da Ibrasa, Pró-Memória e Instituto Nacional do Livro, graças ao amor e ao interesse de suas bisnetas, professoras May Mabilde Lague e Eivlys Mabilde Grant, que com competência, sem lesões ao original, ordenaram o texto e lhe atualizaram a ortografia. Mabilde, belga de nascimento, veio para o Rio Grande do Sul em 1833 e desde logo apaixonou-se pelo estudo dos silvícolas que habitavam o território gaúcho, registrando anotações que, conforme Guilhermino Cesar, prefaciador do volume, não tem similar na bibliografia rio-grandense. O material desta página foi organizado com trechos extraídos de vários capítulos dos Apontamentos. Mostra a riqueza de um texto que só poderia ter sido escrito por quem conviveu intimamente com os bugres — Mabilde, a certa altura de suas pesquisas, foi prisioneiro deles cerca de dois anos.

ALPHONSE MABILDE

Os coroados que têm mulher são geralmente muito sóbrios no que se refere a prazeres sexuais. Não são, em geral, ciumentos, o que se pode atribuir ao amor nulo ou quase nulo que têm às suas mulheres e à condição servil em que as têm, considerando-as antes escravas, do que esposas ou companheiras, e parecendo precisar delas, somente, para propagação de sua raça.

O homem civilizado que se introduz no seu alojamento, quando não o matam, tratam bem. A esse estrangeiro cedem com facilidade a sua mulher para que fique em sua companhia por algumas horas — sem reserva alguma do uso que o estrangeiro dela fizer. Fazem isto sem dificuldade e repugnância, a troco de qualquer objeto que lhes é oferecido ou que por eles é cobijado. Nestes casos as mulheres prestam-se com a maior indiferença aos atos que delas são exigidos, como que em sinal de obediência ao homem a quem pertencem e que as manda servir a estranhos. No entanto, se de tais uniões resulta um filho, a criança, ao nascer, é imediatamente morta.

Em maio de 1850, estando entre os coroados, no seu alojamento no meio do sertão, dei a um deles, um moço de mais ou menos 20 anos, uma faca de ponta com bainha de couro. Durante os primeiros três ou quatro dias, o coroadado trazia consigo, e para onde ia, a faca. Uns dias depois vi outro coroadado, muito mais velho, trazendo a mesma faca. Perguntei, por meio de meu intérprete, ao rapaz a quem tinha dado a faca, o que tinha feito com ela, visto não a ter mais consigo. Mostrou-me atrás e perto dele uma coroadada, a julgar pela sua aparência, de 35 a 50 anos, dizendo que tinha dado aquela faca em troca da mulher.



Aproveitou a ocasião para pedir-me que lhe desse outra faca, pedido que não pude satisfazer porque, de fato, não possuía outra faca de que pudesse dispor. O coroadado tomou a minha recusa por razão evasiva e, voltando-se para a mulher que estava atrás dele, puxou-a pelo braço, fazendo que ficasse a seu lado e mandou ao intérprete que me dissesse que, se eu lhe desse outra faca boa, me emprestaria sua mulher até o dia seguinte!...

Aquela mulher ouviu fazer-me aquele oferecimento com uma impassibilidade

que, entre nós, seria considerada e julgada como efeito de depravação. Mas aqui, aquele indiferentismo é filho dos costumes daqueles selvagens e prova a impossibilidade de existir amor na união de indivíduos de ambos os sexos.

Acontecendo que algum chefe de tribos subordinadas tenha uma mulher, e esta seja desejada e cobijada por outro indivíduo, e seu dono não a queria ceder, o sedutor, sendo correspondido em seu sentimentos pela mulher do outro, convence-a que fuja para a tribo a que ele pertence. Logo que ali chega a fugi-

Costumes sexuais dos Coroados

tiva, o sedutor toma conta dela e abandona a mulher que possuía, não se prevalecendo da circunstância para conservar as duas mulheres. Este direito é só reconhecido ao cacique principal.

A primeira mulher fica assim abandonada. Então, ou é entregue a um outro indivíduo da tribo que não tenha mulher, ou é mandada para a outra tribo, a entregar-se ao indígena a quem pertencia a mulher seduzida. Isto se a tribo, a quem pertence o sedutor, tolerar tal ultraje feito à outra tribo, consentindo na presença da mulher alheia entre si, sem o consentimento do cacique principal. Este nunca aprova, nem consente atos desta natureza, quando a vontade de trocarem as mulheres não parte de ambos os possuidores. O cacique principal ordena, então, ao sedutor que restitua a mulher. Este, sabendo que, se a entregar, ela será morta — assim como ele, também — nunca faz esta entrega, confiando nas forças de sua tribo.

Neste caso, guerra de extermínio é declarada entre a tribo desobediente e as outras tribos do cacique principal. Foi um caso destes, de sedução de uma mulher, que provocou a luta entre o cacique principal Braga e a tribo dissidente, do cacique subordinado Nicuó.

Geralmente estas lutas são provocadas por causa das mulheres tomadas de seu dono, sem o consentimento deste e do cacique principal, e, raras vezes, são motivadas pela invasão de uma tribo no território da outra.

O adultério, entre os coroados, é punido com a pena de morte e isto, singularmente, contrasta com a facilidade com que emprestam, aos estranhos, a mulher que possuem. Pela informação que recebemos de um cacique principal, o adultério é raro entre eles, talvez devido ao temor da morte.

Os adúlteros, mulher e homem, são atados a uma árvore, ao lado um do outro, e mortos a flechadas. Reúnem-se todas as tribos para presenciarem a execução e aí, na presença de todos, lançam no rosto dos condenados o crime que cometeram, sendo exortados a reconhecerem como justo o castigo que vão receber. Segue-se, então, a punição, sendo as flechadas atiradas pelos homens mais moços da tribo a que ambos pertencem. São mortos com as flechas do condenado.

Depois de mortos ficam atados à árvore e ali expostos até o dia seguinte. Na manhã do outro dia, bem cedo, e na presença de todas as tribos, o ofendido pelo adultério é encarregado de tirar as flechas que se acham cravadas nos corpos dos executados. Em seguida, estas flechas são queimadas em frente dos corpos.

A seguir, os corpos são desligados da árvore e arrastados para o lugar em que devem ser enterrados. Durante o trajeto, ainda lançam em rosto dos mortos a infâmia do crime que cometeram. Chegados ao lugar onde devem ser sepultados, o chefe da tribo a que pertenciam os ciriminosos manda abrir uma cova, onde são atirados, sem mais cerimônia alguma, os dois corpos, sendo imediatamente cobertos com uma delgada camada de terra, suficiente apenas para cobri-los.

Logo após, retiram-se todos os indivíduos que assistiram ao ato, para seus respectivos ranchos, onde se conservam sem sair pelo resto daquele dia, com exceção das mulheres, que saem em procura de frutas e de lenha.

De igual modo são enterrados os desobedientes que morrem ou são mortos em consequência das alterações e lutas que descrevemos.